



# XII SHCU

**A CIRCULAÇÃO DAS IDEIAS  
NA CONSTRUÇÃO DA CIDADE:  
UMA VIA DE MÃO DUPLA**

SEMINÁRIO DE  
**HISTÓRIA** DA  
**CIDADE** E DO  
**URBANISMO**

Porto Alegre  
15 a 18 de outubro  
2012

XII Seminário de História da Cidade e do Urbanismo  
Outubro de 2012  
Porto Alegre - RS - Brasil

---

OFÍCIO DE AMBULANTE: SABER SOBRE A CIDADE

**Thaís Amorim Aragão** (UFRGS) - [thais.aragao@ufrgs.br](mailto:thais.aragao@ufrgs.br)

*Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional da UFRGS (PROPUR). Integra o Grupo de Pesquisa Identidade e Território (GPIT-UFRGS). Graduada em Comunicação Social - Jornalismo (UFC-1999).*



## OFÍCIO DE AMBULANTE: SABER SOBRE A CIDADE

### Resumo

O espaço urbano é marcado por usos, e estes refletem as escolhas e decisões – racionalidades – dos indivíduos diante de situações concretas que se revelam no cotidiano. Com base no modelo teórico da ocasião proposto por Michel De Certeau, é possível investigar a cidade a partir de como alguns grupos utilizam o espaço urbano. Neste artigo, serão destacados os vendedores ambulantes e a forma como eles se nutrem da vivência nas ruas para acumular um saber-memória que será utilizado no momento oportuno, para produzir efeitos capazes de modificar as relações de força estabelecidas.

### Abstract

*The urban space is marked by uses, which reflect choices and decisions – rationalities – of individuals in front of concrete situations revealed in everyday life. Based upon Michel De Certeau's theoretical model of the occasion, it is possible to investigate the city considering how some groups use the urban space. Here we will look at hawkers and at the way they nourish themselves from the life experience on the streets and accumulate memory-knowledge that will be used at the right moment to produce effects in the established order.*

### Palavras-chave

Ambulantes, cotidiano, espaço urbano, cultura, som, rua

### Keywords

*Hawkers, everyday life, urban space, culture, sound, street*

### 1 Aproveitando a ocasião

Sobre nosso conhecimento a respeito do próprio conhecer, temos no século XX a virada linguística, corrente de pensamento que se funda nas cercanias da linguística e da filosofia e que promove grande mudança não só nesses campos, espalhando-se pelas ciências humanas. Historiador, erudito francês, Michel de Certeau se aproxima dessa corrente, dedicando-se à historicidade cotidiana, pois ali é possível observar o uso que é feito de sistemas que nos propomos a investigar. Ele elege para estudo algumas práticas populares, efetuadas por agentes que não produzem os sistemas em que atuam, mas produzem usos que acabam por recompor tais sistemas. Entre elas, estão as práticas de espaço.

Segundo o autor, existiria uma sabedoria em driblar e alterar as regras do espaço, caracterizada por uma destreza tática e pela alegria de uma tecnicidade: há um prazer nessa manipulação. Nas mil e uma maneiras de jogar e de desfazer o jogo do outro, na prática da ordem que acaba por redistribuir-lhe o próprio espaço instituído por terceiros: “aí se manifestaria a opacidade da cultura ‘popular’”, diz Michel de Certeau (2009, p. 74), para quem o termo vai entre aspas devido ao fato de que, desde os princípios da pesquisa contemporânea, o conceito “popular” ter sido inscrito numa



problemática de repressão (idem, p. 86). Propõe uma análise dessa cultura diferente da que se realiza em estudos de corte mais tradicional, que visam “constituir um *corpus* próprio da cultura popular e analisar termos variáveis de funções invariáveis em sistemas finitos” (CERTEAU, p. 75). Ao invés de uma “forma matricial da história”, Certeau prefere ter a cultura popular como “uma infinidade móvel de táticas”.

Além disso, não seria possível “prender no passado, nas zonas rurais ou nos primitivos os modelos operatórios de uma cultura popular. Eles existem no coração das praças-fortes da economia contemporânea” (idem, p. 83). Por ter uma curiosidade especial sobre “como as táticas ‘populares’ de outrora ou de outros espaços são introduzidas no espaço industrial (ou seja, na ordem vigente)” (CERTEAU, p. 83), o autor prefere abrir mão de que simplesmente se identifique equilíbrios estruturais que vão se manifestando constantemente em cada uma das sociedades observadas. Prefere dedicar-se aos tipos de operações que surgem das conjunturas históricas.

Tal historicidade cotidiana traria de volta ao campo científico os próprios sujeitos em sua existência, evitando que se retire de seu contexto dinâmico os documentos por eles produzidos. Para Certeau, quando se privilegia os discursos (e ele considera trajetórias inscritas em mapas um tipo de discurso de base espacial), perde-se o vínculo com as circunstâncias das quais eles emergem. O espaço urbano, da mesma forma que a língua, é marcado por usos, e estes refletem as escolhas e decisões – racionalidades – dos indivíduos diante de situações concretas que se revelam no cotidiano. É possível que os usuários possuam um amplo repertório de esquemas de ações – tal qual enxadristas experientes, que contam com o lastro de incontáveis partidas jogadas – e que cada acontecimento seja uma aplicação de um quadro formal diante de determinadas ocasiões.

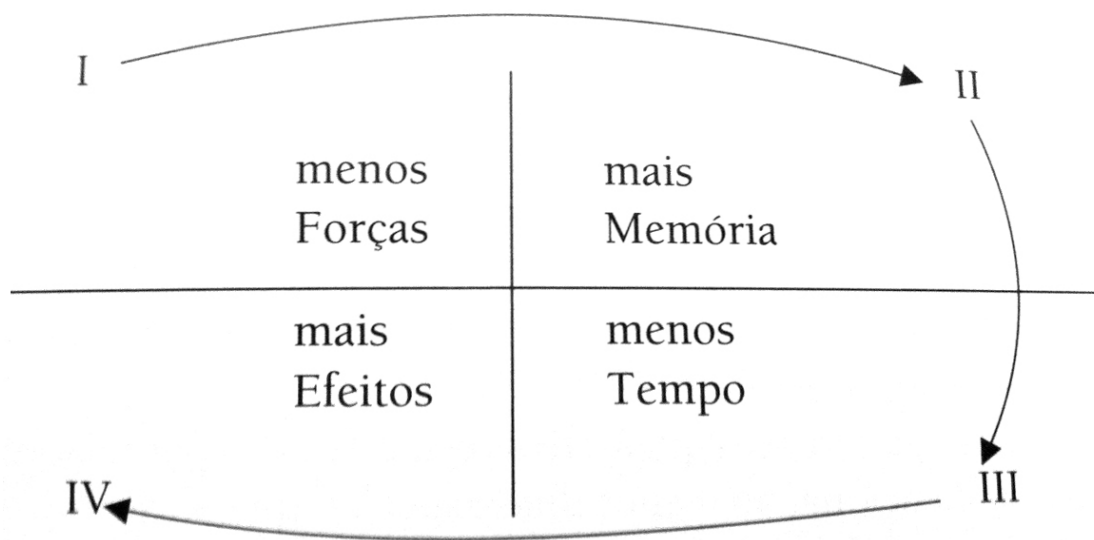


Figura 1 – Modelo teórico da ocasião  
Fonte: CERTEAU, 2009, p. 147

Assim, Certeau pensou um modelo teórico da ocasião (Figura 1), em que se concentra o máximo de saber no mínimo volume possível e em que, com o mínimo de força, se consegue o máximo de efeito. Trata-se de uma aplicação do princípio da economia,



mas que também acaba por definir uma estética – Certeau fala da arte do fraco. A operação da qual trata o modelo seria mediada por um saber de um tipo específico: a memória. “Um saber que tem por forma a duração de sua aquisição e a coleção interminável dos seus conhecimentos particulares” (idem, p. 146). E a introdução dessa duração na relação de forças é capaz de modificá-la. Estamos no campo da *métis* dos gregos, uma forma de inteligência aplicada, sempre mergulhada em uma prática.

A *métis* é uma forma de pensamento, um modo de conhecer; ela implica um conjunto complexo, mas muito coerente, de atitudes mentais, de comportamentos intelectuais que combinam o faro, a sagacidade, a previsão, a sutileza de espírito, o fingimento, o desembaraço, a atenção vigilante, o senso de oportunidade, habilidades diversas, uma experiência longamente adquirida; ela se aplica a realidades fugazes, móveis, desconcertantes e ambíguas, que não se prestam nem à medida precisa, nem ao cálculo exato, nem ao raciocínio rigoroso. Ora, num quadro do pensamento e do saber que esses profissionais da inteligência, que são os filósofos, erigiram, todas as qualidades de espírito de que é feita a *métis*, a habilidade da mão, a destreza, os estratagemas, são mais frequentemente lançadas à sombra, apagadas do domínio do conhecimento verdadeiro e levadas, segundo os casos, ao nível da rotina, da inspiração arriscada, da opinião inconstante ou do puro e simples charlatanismo. Pesquisar sobre a inteligência grega lá onde, tomando-se a si mesma como objeto, ela disserta sabiamente sobre a própria natureza, é, portanto, renunciar de antemão a descobrir aí a *métis*. É preciso persegui-la algures, nos setores que o filósofo destina normalmente ao silêncio, ou de que ele fala de modo irônico, ou no tom da polêmica, para melhor avaliar, por um efeito de contraste, a maneira de raciocinar e de compreender o que é habitual em seu ofício.” (DÉTIENNE e VERNANT, 2008, p. 11-12)

Para Certeau, “a *métis* aponta com efeito para um tempo acumulado, que lhe é favorável, contra uma composição de lugar, que lhe é desfavorável (CERTEAU, 2009, p. 144). Assim, quanto menos força, mais se precisa de um saber-memória. Quanto mais saber-memória se acumula, menos se precisa de tempo. Quanto menos tempo há, mais os efeitos aumentam. Tomando a organização espacial como começo e fim da série e o tempo como espaço intermediário (Imagem 2), temos “uma diferença entre espaço e tempo [que] fornece a série paradigmática: na composição de lugar inicial (I), o mundo da memória (II) intervém no ‘momento oportuno’<sup>1</sup> (III) e produz modificações do espaço (IV)” (idem, p. 148).

<sup>1</sup> Kairós, o “momento certo” ou “oportuno”, filho de Chronos, deus do tempo e das estações.

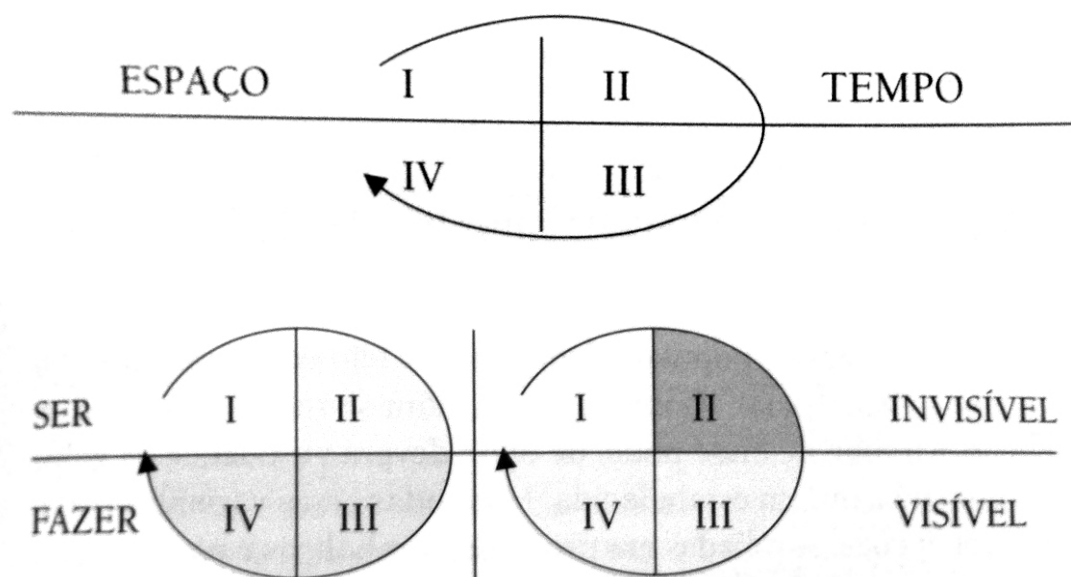


Figura 2 – Leituras da seriação do modelo teórico da ocasião  
Fonte: CERTEAU, 2009, p. 148 e 149

Combinado ao primeiro esquema, está uma diferenciação entre *ser* estabelecido (um estado) e *fazer* (produção e transformação), em que, seguindo o ciclo, “dado um estabelecimento visível de forças (I) e um dado invisível da memória (II), uma ação pontual da memória (III) acarreta efeitos visíveis na ordem estabelecida (IV). Dessa forma, a memória, “silenciosa enciclopédia dos atos singulares”, mediatizaria transformações espaciais, produzindo rupturas, transgredindo as leis do lugar (CERTEAU, p. 148 e 149). “A finalidade da série visa, portanto, uma operação que transforme a organização visível. Mas essa mudança tem como condição os recursos invisíveis de um tempo que obedece a outras leis e que, por surpresa, furta alguma coisa à distribuição proprietária do espaço” (idem, p. 149).

A ocasião, enquanto conceito, é de grande importância para todas as práticas cotidianas e é aguardada pacientemente por aqueles que não têm lugar, mas têm o tempo. Certeau pergunta: como o tempo se articula num espaço organizado? Podemos encontrar as formalidades dessas maneiras de fazer? Caminhar, falar, ler, fazer compras ou preparar as refeições. O estudo desse tipo de práticas cotidianas, como uma forma de compreender os sistemas onde se inscrevem (neste caso, especialmente o urbanístico), não se daria fora de uma análise polemológica da cultura – em que os estudos da guerra como fenômeno social autônomo, com a análise de suas formas, causas e efeitos, se referem aí a uma “arte da guerra cotidiana”.

## 2 Os vendedores de chegadoinho e a ocasião

Ao longo do século XX, o ambulante foi deixando de ser uma figura respeitada em Fortaleza, onde encontrei minha pesquisa em sua empiria. No início do século, era elemento extremamente necessário na vida urbana, responsável pela distribuição de muitas mercadorias de primeira necessidade – como carne, leite e verduras – para as moradias, até mesmo nas proximidades do Centro da cidade. O aparecimento do automóvel e da refrigeração foi permitindo uma maior mobilidade até os locais de



fornecimento de produtos e o estabelecimento de pequenos mercados nos bairros, tornando a venda ambulante acessória.

A atividade entra em uma espécie de decadência num momento em que mais pessoas passaram a buscar nela uma alternativa de ocupação. A explosão demográfica observada ao longo da década de 1950, resultante de intensas migrações entre o campo e a cidade, quase duplicou a população da capital cearense (COSTA, 2007, p. 75). Isso levou muitas pessoas a recorrerem ao mercado informal, ocupando principalmente as áreas centrais da cidade para exercerem essas atividades.

Diante do colapso social e econômico, e sem conseguirem propor soluções efetivas para as causas do problema, os poderes públicos se mobilizaram para controlar seus efeitos. Entre eles, estava o que passou a ser chamado generalizadamente de comércio ambulante – embora a venda que preocupasse esses atores hegemônicos fosse mais aquela que visava a fixação em espaços públicos do que aquela que, de fato, era exercida em movimento. Esse processo acabou por estigmatizar a prática da venda ambulante e seus trabalhadores.

É nesse contexto, de tentativas contínuas de ordenamento do comércio ambulante e eventuais aumentos nas tensões, que vivem os vendedores de *chegadinho* hoje em atuação em Fortaleza. Eles vendem um artigo finíssimo: delgado biscoito feito de farinha, goma e açúcar, a modo de hóstia, que descende dos *barquinhos* portugueses e dos *barquillos*, *neules* e *obleas* espanhóis. Carregam a iguaria em tambores cilíndricos pendurados aos ombros, enquanto andam pelas ruas a tocar um triângulo. O ofício é observado em boa parte do território brasileiro, embora o uso desse instrumento musical apareça notadamente do estado da Bahia ao Amazonas. Seus nomes característicos podem variar: *taboca*, *cavaco chinês*, *cavaco*, *cavaquinho* e *cascalho* são os mais comuns, além da alcunha cearense de *chegadinho*.

Pé ante pé, década após década, esses vendedores vêm produzindo um território. Podemos já perceber nessa rápida menção de Gilberto Freyre:

Interessante observar-se é que a certos doces, vendidos por ambulantes, estão associados, no Nordeste, sons que, como o da campanha de Pavlov, em cachorros, despertam em meninos e adultos predisposições específicas de paladar: o som do triângulo dos chamados *cavaquinhos*, por exemplo. (...) São interessantes, nesses casos, não só as associações de sons a gostos como as associações psicológicas de tempos – madrugada, manhã, tarde, noite – à venda desses doces e às suas diferenças de paladar. (FREYRE, 2007, p. 59)

Mas não é só a um turno do dia que o som do triângulo que esses vendedores fazem ecoar pelas ruas parecem ser associados. Uma das primeiras declarações encontradas que ligam o *chegadinho* à infância dos cearenses é creditada a Renato Aragão, em episódio registrado em coluna por um jornal de Fortaleza, em 1993.

O humorista Renato Aragão foi hóspede, ao lado de sua mulher, Lilian, do Hotel Caesar Park durante o feriadão. Ocasão em que foi autor de gesto surpreendente. Da sacada do hotel ouviu o barulho de um triângulo. Era o garoto vendendo o conhecido "*chegadinho*". Renato não se conteve, desceu do apartamento e comprou todo o estoque. "*Assim posso matar saudade da minha infância*" - dizia. (*O Povo*, 18 nov. 1993)

Essa relação entre a passagem do vendedor de *chegadinho* e memórias da infância vai marcar quase a totalidade das referências à prática que são feitas ou registradas





pela mídia impressa da cidade a partir de então. Essas alusões vêm se tornando cada vez mais frequentes nas últimas décadas, em contraste com a quase inexistência delas antes disso. Muitas vezes, não são apenas lembranças da meninice que emergem, mas também da própria cidade, pois tais experiências não escapam de serem situadas. De certa forma, é possível que tenham cristalizado uma sensação de passagem entre o espaço doméstico e o espaço da rua – entre o conhecido e o desconhecido, entre o quieto e o alvoroçado – para esses habitantes, em suas mais tenras idades.

O triângulo foi também um índice de lugar inserido no trio instrumental criado pelo músico Luiz Gonzaga para tocar não só o baião mas a música da região como um todo – música cujos rebatimentos, num momento específico da indústria fonográfica e dos meios de comunicação de massa no Brasil, ajudaram a construir e fixar a própria concepção de um lugar Nordeste (ARAGÃO, 2011). O chamado Rei do Baião deixou vários relatos sobre como, ainda nos anos 1940, ele presenciou a passagem de um desses ambulantes pelo Recife, tendo a ideia de agregar o som do triângulo às bases do gênero musical.

Em pesquisa desenvolvida no Programa de Pós-graduação em Planejamento Urbano e Regional da UFRGS (PROPUR), explorei principalmente o uso do som no particular processo de territorialização protagonizado pelos vendedores de chegadoinho no início do século XXI, em Fortaleza. Mas também pude descobrir outros usos do espaço, para além de sua articulação com recursos sonoros: como os vendedores criam seus próprios percursos ou ensinam uns aos outros os caminhos; como desenvolvem técnicas para tornar a caminhada mais segura (andando no sentido contrário aos carros para poder tê-los à vista, evitando ruas em que há casas com cães brabos, não passando por bairros onde há brigas e assaltos) e para tornar a venda mais proveitosa (descartando ruas em que não há compradores e mantendo aquelas onde há, preferindo áreas residenciais e bairros de renda mais alta etc).

Os ambulantes do chegadoinho mantêm uma profunda regularidade de dias de trabalho e até mesmo de horários em que passam por determinados pontos do percurso. Tendem a manter seus próprios padrões, baseados na observação das situações em que as vendas se realizam, procurando fazer com que elas aconteçam novamente. Neste uso do espaço, também o tornam simbólico para outros cidadãos. Exercem o espaço relacionalmente. Espalhando-se pelas ruas, tecem uma infinidade de interligações quando estão em marcha: tanto ligam espaços da cidade em seu movimento quanto acionam o desejo, a contemplação e as lembranças dos habitantes.

Um habitante tocado pela aproximação do vendedor não precisa necessariamente interpelá-lo – às vezes nem mesmo se mover – para se conectar a algo diferente do que estava vivendo no momento imediatamente anterior àquele em que prestou atenção ao som do triângulo. Quando compra chegadoinho, sela o encontro e potencializa novas possibilidades – ainda que sejam outros os ouvidos que serão adoçados da próxima vez. O conjunto desses vínculos, cujas dimensões são imensuráveis e sempre mutantes, molda um território fluido, apoiado também na escuta, descontínuo e remarcado pelo rastro sonoro dos caminhantes.

As enunciações pedestres dos vendedores de chegadoinho apresentam um aspecto fático destacado por Michel de Certeau, pelo empenho desses praticantes do espaço em garantir a comunicação, “estabelecer, manter ou interromper contato” (CERTEAU, 2009, p. 165). Selecionam o que vão usar do repertório urbano que lhes é dado e



deslocam os “significantes da ‘língua’ espacial” (idem, p. 165) pelo uso que deles fazem. Instaura-se, aí, a retórica de suas caminhadas. Atualizam possibilidades de acesso e proibições em suas repetidas incursões pela cidade, de cujo sistema – urbanístico – não podem se desvencilhar, apenas assumir e tentar manipular a seu favor.

Como constituidora de um processo de territorialização, a prática dos vendedores de chegadoinho tem bases espaciais, mas seu trunfo reside nessa utilização do espaço por longos ciclos temporais, cujas unidades são praticamente diárias. Perguntei certa vez a um ambulante se fazia tempo que ele trabalhava com aquilo. “Não, faz uns oito anos”, respondeu. Se o vendedor de chegadoinho é o homem lento de Milton Santos, talvez não seja apenas por se mover sem motores, mas por tornar significativo o que faz, às custas de sua própria tenacidade.

A permanência dos vendedores de chegadoinho, não somente nas ruas da capital cearense mas também num imaginário que parece se estabelecer, vem se fazendo de forma quase inaudita. Possivelmente isso se deve à própria necessidade de uma certa camuflagem. É preciso não incomodar tanto as pessoas com sua presença, pois pode ser que os poderes públicos e o chamado quarto poder (a imprensa e sua força sobre a opinião pública) utilizem todas as forças que lhes estão disponíveis para expulsar alguns grupos de determinadas áreas da cidade – como acontece com os camelôs e outros ambulantes, especialmente no Centro.

Mas isso não acontece com vendedores de chegadoinho, muito pelo contrário. Talvez porque esses ambulantes estejam de fato apenas de passagem, rápida passagem. Evitando o Centro e se concentrando em áreas residenciais adjacentes, parecem preferir se manter longe de onde as disputas pelo uso do espaço se acirram – embora o termo aqui não seja exatamente preferência, e sim contingência, uma vez que eles não possuem forças suficientes para impor sua presença em determinados espaços.

Assim, buscam outros caminhos possíveis. Se não podem estar onde há maior circulação de pessoas, possíveis fregueses, compensam em longas caminhadas diárias, que podem chegar a vinte quilômetros. Em movimento, têm sua presença abreviada; mas a potência do triângulo – potência não só em intensidade mas também no poder de empatia demonstrada pelos habitantes – contrabalança a situação. Chamam pouca atenção quando é fundamental fazê-lo.

Esses trabalhadores parecem ter chegado a um equilíbrio. Ou melhor, ao princípio da economia como evocado por Certeau no modelo teórico da ocasião. Aproveitam um dos poucos recursos que lhes restam: o saber-memória. Ao longo dos dias e anos, acumulam um amplo conhecimento sobre dinâmicas da cidade que influem sobre o seu fazer. Possuem guardada uma biblioteca de lances – tentativas e erros, tentativas e acertos – colecionados nas partidas jogadas cotidianamente, no tabuleiro da cidade de traçado em xadrez.

Esse aprendizado gotejante os qualifica a cultivar a ocasião, a percebê-la e aproveitá-la, por mais curto que seja o intervalo em que uma possibilidade se abre diante deles. Quanto mais saber-memória se acumula, menos se precisa de tempo. E quanto menos tempo há, mais os efeitos aumentam. Um dos efeitos observados na prática dos vendedores de chegadoinho reside, por exemplo, na capacidade do som por eles emitido cruzar os limites entre o espaço público e o privado, sendo majoritariamente tomado como algo positivo, desejado, quando não neutro. Foi extremamente raro





encontrar manifestações de desconforto ante à escuta do triângulo que anuncia o doce.

Talvez isso se deva ao fato de que é muito curto o momento em que essas emissões emergem mais claras e definidas no ambiente sonoro. Se comparado a outros tipos de intrusões e abusos de ordem acústica que surgem da hiperconvivência na cidade, o triângulo do vendedor de chegadinho não deixa de parecer um tanto irrelevante para fins de uma cruzada. Assim, experimentando e dosando os procedimentos na articulação de som, movimento, espaço e tempo, os vendedores de chegadinho conseguem encontrar um espaço onde ainda é possível trabalhar.

Eis a *métis*, essa inteligência que se manifesta por meio de uma prática, a partir da qual um sujeito que carece de forças pode sair favorecido, mesmo quando a composição de lugar lhe é desfavorável. Como vimos, isso se dá em função de um tempo acumulado, capaz de modificar a relação de forças estabelecida. Como em Certeau, “na composição de lugar inicial, o mundo da memória intervém no ‘momento oportuno’ e produz modificações do espaço” (CERTEAU, p. 148).

Driblando os aparelhos de um espaço disciplinar, os vendedores de chegadinho conseguem o que está proibido<sup>2</sup> – ainda que nessas proibições estejam incluídas práticas que propiciam sentimentos de pertencimento e de envolvimento dos habitantes com a cidade, e de onde se pode exumar patrimônios culturais ainda pouco conhecidos, que dizem respeito à própria identidade de um povo. Interessa compreender como se dão esses movimentos astuciosos que, num espaço controlado, se mantêm ativos e tornam possível o próprio circular.

### 3 Referências

ARAGÃO, Thaís Amorim. *Como vendedores de chegadinho usam o som em seus percursos urbanos*. In: IX Reunião de Antropologia do Mercosul, 2011, Curitiba. Anais da IX RAM, 2011.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano, vol. I - Artes de fazer*. Petrópolis : Vozes, 2009.

CÓDIGO de Obras e Posturas do Município de Fortaleza, Lei N.º 5.530 de 17 de dezembro de 1981. Disponível em: <<http://www.fortaleza.ce.gov.br/images/PGM/legislacao/copmf.pdf>>. Acesso em: 07 abr. 2012.

<sup>2</sup> Seção II do Código de Obras e Posturas do Município de Fortaleza, Lei N.º 5.530 de 17 de dezembro de 1981. Da Poluição Sonora: Art. 619 – Nos logradouros públicos são expressamente proibidos anúncios, pregões ou propaganda comercial, por meio de aparelhos ou instrumentos, de qualquer natureza, produtores ou amplificadores de som ou ruídos, individuais ou coletivos, tais como: I. Trompas apitos, tímpanos, campainhas, buzinas, sinos, sereias, matracas, cornetas, amplificadores, alto-falantes, tambores, fanfarras, banda ou conjuntos musicais. Disponível em: <<http://www.fortaleza.ce.gov.br/images/PGM/legislacao/copmf.pdf>> Acesso em: 07 abr. 2012.

# XII SHCU

SEMINÁRIO DE  
**HISTÓRIA DA  
CIDADE E DO  
URBANISMO**

Porto Alegre  
15 a 18 de outubro 2012

**A CIRCULAÇÃO DAS IDEIAS  
NA CONSTRUÇÃO DA CIDADE:  
UMA VIA DE MÃO DUPLA**



COSTA, Maria Clélia Lustosa da. "Fortaleza: expansão urbana e organização do espaço", in SILVA, CAVALCANTE e DANTAS (org.), *Ceará: um novo olhar geográfico*. 2ª. ed. atual., Fortaleza : Edições Demócrito Rocha, 2007.

DÉTIENNE, Marcel e VERNANT, Jean-Pierre. *Métis – As astúcias da inteligência*. Tradução: Filomena Hirata. São Paulo : Odysseus Editora, 2008.

FREYRE, Gilberto. *Açúcar: uma sociologia do doce, com receitas de bolos e doces do Nordeste do Brasil*, São Paulo : Global Editora, 2007.